

5º Congresso Rio de Educação – 2007

Palestra: Contexto, Textos e Apostas na Educação Hoje

Palestrante: Ernesto Bologna

Como psicólogo de formação, com especialização em Psicanálise, tenho-me interessado muito mais pelo mundo do inconsciente, do discurso velado, oculto, que se espreita por debaixo dos valores, do que propriamente pelo discurso da racionalidade. Nesse sentido, minha exposição terá como mote principal a demonstração de que o *contexto* contém uma dose extraordinária de verdades não reveladas. A idéia de contexto não se limita a uma lista de fenômenos culturais, mas ao plano de algo que nos determina e, queiramos ou não, por este somos influenciados - especialmente no âmbito da Educação.

A cultura que educadores e alunos respiramos exerce enorme influência sobre nossa disciplina. A época em que estamos inseridos denomina-se *pós-modernidade*, e a cultura pós-moderna se expressa em múltiplas áreas, como a estética, a arquitetura, etc. O pensamento pós-moderno originou-se de uma visão crítica em relação à Filosofia da História depois dos anos 60, formou-se na década de 1980 e consolidou-se nos anos 90, como conseqüência da queda do Muro de Berlim. Exprime um profundo desencanto com as promessas não realizadas pela modernidade, que nutria a expectativa da concretização, no século XX, dos valores humanos plantados pelo Iluminismo na Revolução Francesa de 1789.

Em síntese, seis fatos históricos da segunda metade do século XX definiram o que se conhece como a pós-modernidade, e tiveram forte impacto sobre os educadores e suas práticas. O primeiro desses fatos foi a *dissolução da família nuclear clássica (pai, mãe e filhos) como célula da organização social*. Cada vez mais os casamentos ocorrem tardiamente, as separações acontecem mais cedo e há um novo perfil de moralidade. O ingresso da mulher no mercado de trabalho estabeleceu a mudança de seu papel social, não mais o de “esposa-mãe” e âncora em que se estruturavam as famílias.

O segundo evento foi o *esvaziamento das igrejas tradicionais como fonte da educação moral*. O século XX testemunhou a predominância do cientificismo, que desconfiava da visão de mundo das religiões. As três maiores correntes daquele pensamento e seus teóricos - a psicanálise (Sigmund Freud), o marxismo (Karl Marx) e o darwinismo (Charles Darwin) - desafiavam a concepção teológica do mundo. Elas exerceram forte influência sobre a intelectualidade da modernidade, a qual determinou que a estruturação ética da Educação se faria pela razão (a “dialética da razão”), e não por meios sobrenaturais. Essa visão instaura um problema: é possível produzir “educação moral” sem a educação religiosa? Qual a relação entre os princípios dogmáticos da religião e a “dialética da razão” na construção moral das crianças? O certo é que a ética resultante da “dialética da razão” muitas vezes mostra-se regressiva e primitiva.

O terceiro acontecimento que definiu a pós-modernidade foi o *advento da juventude como fonte de poder*. Nunca houve na história uma época em que todos querem ser jovens. Verifica-se uma enorme dilatação do período da puberdade, da adolescência, da primeira juventude e da primeira maturidade. Tal fenômeno representou um forte impacto para os educadores e para a sociedade. Criaram-se termos como “melhor idade” e “terceira idade”, que representam eufemismos para disfarçar a realidade do envelhecimento. Multiplicaram-

se academias, cosméticos e plásticas para retardar a aparência da velhice. Esse poder influencia particularmente a Educação, pois, pela primeira vez, os filhos sabem mais do que os pais, sobretudo na utilização das novas tecnologias. E os pais temem os filhos nessa avassaladora cultura jovial.

O quarto fato foi *a mudança no conceito de felicidade*. A noção de felicidade migra da capacidade de cumprir deveres, dar conta de si mesmo e dos outros ao redor, para a capacidade de realizar desejos individuais. Antes era fundada no *dever*, agora é fundada no *prazer imediato*. A cultura da segunda metade do século XX caracterizou-se pelo erotismo, o descontrole da libido e a regressão a valores arcaicos da psique - uma cultura primitivizante, em que impera o desejo instintivo. Com Freud, nós, educadores, devemos aprender que existe o *inconsciente*, conceito mal utilizado na Educação. Debaxo da mente que se vê, existe uma mente que não se vê, em funcionamento permanente. E essa mente que não se vê controla o funcionamento da mente que se vê. Tal conceito expressa o questionamento da idéia de *liberdade*. O desencanto com o coletivo e o imediatismo erótico-libidinoso denotam o que Freud chamou de “mal-estar na civilização”. Segundo a sua teoria, o *totem*, âncora contratual de natureza social, perde a característica coletiva do sagrado e decai na forma de um *tabu* - perdendo o sentido de valor social, sagrado, objeto de confiança. Vivemos uma época em que os totens transformaram-se em tabus, e foram denunciados.

O quinto acontecimento instaurador da pós-modernidade talvez tenha sido o mais dramático do ponto de vista das práticas educacionais: *surge a comunicação de massa*. No século XX, testemunhamos a adesão crescente das pessoas aos meios de comunicação de massa, desde o telégrafo sem fio, o cinema, o rádio, a televisão, o telex, o fax e a internet. Essa audiência maciça influencia a construção psíquica muito além do alcance dos educadores. A voz da autoridade (pai, mãe, etc) vai perdendo poder na formação dessa nova mente. As crianças participam de comunidades no Orkut e no Messenger utilizando uma nova língua, objetivista (escrita e não falada). Estamos, portanto, diante de um novo mundo e temos de levar isso em consideração.

O sexto ponto apresenta-se como fundamental no século XXI: trata-se do *conceito de sustentabilidade*. Esse conceito não se limita à sustentabilidade ambiental, mas envolve a sustentabilidade social, econômica, política, da biodiversidade, etc. Se nós quisermos, como educadores, cumprir a nossa função de construir o futuro através dos alunos teremos de compreender todo o significado desse conceito. A noção de sustentabilidade poderá, quem sabe, ajudar a eleger o próximo presidente dos EUA. Apesar de muitos políticos e cientistas contestarem os números apresentados no Protocolo de Kyoto, é inegável que o problema posto pela sustentabilidade se enquadra com a realidade. Se a sustentabilidade configura-se como um projeto para o século XXI, eu diria que se trata de um bom projeto.

Apresentados esses pressupostos da cultura pós-moderna, passamos às questões com as quais os educadores lidaremos neste século. Analisemos o papel da escola no âmbito da cultura anterior e nos marcos da cultura de nossos dias. No passado, as famílias promoviam a “socialização” das crianças, dotando-as das condições mínimas de convivência social. À escola cabia o papel de “culturalizar”, enquanto a Igreja “moralizava” através dos dogmas de fé, dos princípios morais, etc. Estejamos conscientes de que esse mundo acabou. A sociedade passou a entregar tais tarefas à escola. E os educadores, por sua vez, acabaram por aceitar, após certa relutância, essa incumbência. É preciso inverter o atual pacto entre pais e escolas.

A escola tem ocupado uma posição submissa com respeito ao poder do Estado, da família, dos órgãos sociais, etc. Precisamos mostrar à sociedade que nós devemos orientá-la numa época em que os totens decaíram em tabus. Só depende do nosso trabalho, da melhoria de nossa autoconfiança, auto-estima, da paixão com que nos debruçarmos sobre nossas tarefas sociais. As famílias estão fragmentadas e as pessoas não se encontram em casa. Diante de tudo isso, o desafio central das escolas, hoje, é *ter um texto que faça uma aposta*. Precisamos ter uma opinião sobre a vida, o desenvolvimento humano, como criar as crianças, como educar os jovens, orientar os pais, construir o Estado, qual o papel da empresa na sociedade, etc.

Algumas atitudes são fundamentais para reafirmar o papel da escola e rejeitar a tarefa de mera repetidora da ordens da sociedade, e aqui aparecem o texto e a aposta. A primeira atitude consiste em não nos desvalorizarmos como construtores de cultura social - não devemos aceitar a incumbência de reproduzir as práticas sociais nos filhos e netos. A segunda atitude é evitar, recusar a vitimação, como se fôssemos vítimas de um processo. Precisamos ter coragem para construir a cultura que será assimilada por uma sociedade que está ávida para ser orientada. É necessário restabelecer a “voz”, e aqui entra de novo a questão da “aposta”: temos que dizer à sociedade, através de nossas escolas, com que valores ela deverá se estruturar.

As apostas que considero fundamentais para que as escolas mostrem à sociedade com que tipo de cultura seus filhos serão educados são três. Em primeiro lugar, o *modelo de sala de aula*: é preciso mudar o modelo clássico de sala de aula. Um ponto de renovação será a adoção da idéia de empreendedorismo. O segundo ponto é a adequação ao modelo da *transdisciplina* (não se trata da multidisciplinar nem da interdisciplinar): o século XXI não conseguirá construir a sustentabilidade se as crianças não aprenderem a pensar de maneira complexa e sistêmica, transdisciplinarmente, incluindo a Filosofia, a Ciência, a Religião e a Arte. As escolas terão de saber dimensionar suas grades de disciplina. A terceira aposta é na *multimídia*: o desenvolvimento da capacidade de se comunicar em diversas mídias (não só a palavra, mas imagens, sínteses, a linguagem da internet, o empreendedorismo global) numa época em que a cultura está cada vez mais veloz.

Quanto às ferramentas educacionais, os professores terão como tarefa a recuperação do valor da atenção para a aprendizagem efetiva. Do ponto de vista das neurociências e da psicologia cognitiva, o que a comunicação de massas fez com as crianças evidencia a necessidade de um novo sistema pedagógico e didático - segundo pesquisas neurológicas, elas perderam a capacidade de manter a atenção. Nesse universo de massificação, a destruição da intersubjetividade é um fato, e a escola deve ser provedora dessa dignidade, recuperando a intersubjetividade.